

É você, Satanás? Narrativas midiáticas nos casos Evandro e Altamira

¿Eres tú, Satanás? Análisis del discurso mediático en los casos Altamira y Evandro

Is it you, Satan? Analysis of media discourse in the cases of Altamira and Evandro

ISABELLA CARRILLO GAETA¹, SARAH SOFIA SZABÓ IOSSI², LAURA LOGUERCIO CÂNEPA³, CARLA MONTUORI FERNANDES⁴

Resumo: Este estudo analisa a cobertura midiática dos casos criminais de assassinatos conhecidos como “Caso Evandro” e “Meninos de Altamira”, investigando como o fenômeno do pânico satânico foi construído e disseminado no Brasil na década de 1990. O interesse central da pesquisa reside em compreender a forma como a imprensa mobilizou discursos sensacionalistas e moralizantes, influenciando a percepção pública e as investigações. O objetivo, assim, é compreender o papel da mídia na consolidação do pânico satânico e consequências sociais e jurídicas. Para isso, foi realizada

¹ Graduada em comunicação social: Rádio, TV e internet pela Universidade Anhembi Morumbi – UAM e Mestranda em comunicação pela Universidade Paulista – UNIP. Bolsista PROSUP/CAPES. Grupo de pesquisa: Narratopias – Narrativas, Temporalidades e Tecnologias da Comunicação” (UNIP). Email: isabellagaeta@yahoo.com.br

² Graduada em Design de Animação pelo Centro Universitário Senac Santo Amaro e Mestranda em Comunicação pela Universidade Paulista SP. Grupo de pesquisa: Narratopias – Narrativas, Temporalidades e Tecnologias da Comunicação (UNIP). Bolsista PROSUP/CAPES. Email: sarahszaboiozzi@gmail.com

³ Doutora em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação com Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo - USP. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Email: laura.canepa@docente.unip.br

⁴ Doutora em Ciências Sociais, com ênfase em Comunicação Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Pós-Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista - UNIP e atua como pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP. Email: carla.montuori@docente.unip.br

uma análise qualitativa de manchetes publicadas nos jornais Hora H, O Globo, A Província do Pará e Revista Veja, observando os termos como “ritual” e “magia negra”. Os resultados demonstram que a mídia reforçou estereótipos, contribuiu para condenações controversas e perpetuação de discursos alarmistas.

Palavras-chave Brasil; Anos 1990; Pânico satânico; Crimes reais; Mídia; Comunicação

Resumen: Este estudio analiza la cobertura mediática de los casos criminales de asesinatos de conocidos como “Caso Evandro” y “Altamira”, investigando cómo se construyó y difundió en Brasil, durante la década de 1990, conocido como pánico satánico. El interés central de la investigación reside en comprender la manera en que la prensa movilizó discursos sensacionalistas y moralizantes, influyendo en la percepción pública y en las investigaciones. El objetivo es entender el papel de los medios de comunicación en la consolidación del pánico satánico y sus consecuencias sociales y jurídicas. Para ello, se realizó un análisis cualitativo de titulares publicados en los periódicos Hora H, O Globo, A Província do Pará y en la revista Veja, observando el uso de términos como “ritual” y “magia negra”. Los resultados muestran que la prensa reforzó estereotipos, contribuyendo a condenas controvertidas y a la perpetuación de discursos alarmistas.

Palabras clave: Brasil; años 1990; Pánico satánico; Crímenes reales; Medios de comunicación; comunicación

Abstract: This study analyzes the media coverage of the criminal cases involving the murders of “Evandro Case” and the “Altamira Boys Case,” investigating how the phenomenon known as satanic panic was constructed in Brazil during the 1990s. The central focus of the research is to understand how the press mobilized sensationalist and moralizing discourses, influencing public perception and investigations. The aim, therefore, is to examine the role of the media in consolidating satanic panic and its social and legal consequences. To this end, a qualitative analysis was conducted on headlines published in Hora H, O Globo, A Província do Pará and Veja magazine, with attention to the use of terms such as “ritual” and “black magic.” The results demonstrate that the media reinforced stereotypes, contributing to controversial convictions and the perpetuation of alarmist discourses.

Keywords: Brazil; 1990s; Satanic panic; True crime; Media; Communication

Introdução

“O grande dragão foi lançado fora. Ele é uma antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo. Ele e os seus anjos foram lançados à terra”. (Apocalipse 12:9).

A década de 1990, no Brasil, foi marcada por uma série de crimes notórios, como o caso da Escola Base (1994), em São Paulo, e o assassinato da atriz Daniella Perez (1992), no Rio de Janeiro. As coberturas midiáticas desses crimes exploraram o pânico moral por meio da mobilização de um imaginário popular muitas vezes fantasioso a respeito criminosos ligados ao tráfico de drogas (Schollhammer, 2007), mas também a famosos ou tidos como economicamente poderosas (Paiva, 2012). Nesse cenário, cresceram também teorias que vinculavam determinados crimes a supostas práticas de rituais satânicos. Essas narrativas, mobilizadas pela imprensa e por setores das forças policiais, reforçavam preconceitos arraigados contra crenças minoritárias. A forte presença católica no país, evidenciada pelo Censo de 1991, que identificava 83,3% da população brasileira como católica, (Campos, 2008), contribuiu para a disseminação dessas narrativas, uma vez que a Igreja Católica, historicamente, demonizou práticas religiosas consideradas heréticas. Essa demonização, aliada à insegurança gerada pelos crimes, criou terreno fértil para boatos e teorias conspiratórias.

Entre 1989 e 1993, uma série de crimes de grande repercussão, cometidos contra crianças e adolescentes do sexo masculino, reforçou essa percepção. Em Altamira, Pará, meninos entre oito e quinze anos, foram sequestrados, violentados e emasculados. Em 1992, em Guaratuba, no Paraná, o desaparecimento de Evandro Ramos Caetano, de seis anos, chocou o país. Cinco dias após seu sumiço, seu corpo foi encontrado em um matagal, apresentando sinais de mutilação, e rapidamente investigadores associaram o caso a supostos rituais satânicos. A década foi marcada ainda pelo desaparecimento de crianças, denúncias de seitas macabras e investigações permeadas por especulações e poucas provas (Colucci, 2022). O período tornou-se, assim, propício para a consolidação de uma versão brasileira daquilo que, nos EUA, ficou conhecido como *satanic panic* (Victor, 1993), ou pânico satânico.

A retomada contemporânea de casos criminais midiaticamente explorados nas décadas passadas, como os assassinatos em Altamira e em Guaratuba, sinaliza a persistência de uma dinâmica de espetacularização da violência que atravessa gerações. Se nos anos 1990 o pânico satânico foi amplificado por jornais, revistas e programas de televisão, hoje esses mesmos episódios ressurgem como matéria-prima de narrativas seriadas em podcasts de *true*

*crime*⁵, como o bem-sucedido podcast Projeto Humanos, do jornalista Ivan Mizanzuk. Esse retorno não apenas reatualiza memórias traumáticas, mas também evidencia como a circulação de discursos sensacionalistas encontra, nos formatos digitais, uma nova plataforma de difusão e engajamento, reforçando a necessidade de analisar criticamente seus impactos.

Este artigo tem como objetivo analisar o papel da mídia na consolidação do pânico satânico no Brasil nos anos 1990, com foco nos casos Evandro e Altamira. Para isso, é feita uma análise qualitativa de manchetes publicadas nos jornais Hora H, O Globo, A Província do Pará e na revista Veja. A seleção desses veículos visa identificar a recorrência e o contexto de palavras-chave “ritual”, “demônio”, “sacrifício”, “bruxas”, “seita satânica” e “magia negra”, examinando como esses termos foram usados para construir a percepção pública. Como ambos os casos selecionados tiveram, como eixo, a pesquisa de Ivan Mizanzuk no podcast Projeto Humanos, adotaremos a mesma cronologia utilizada pelas temporadas O Caso Evandro (2019, quarta temporada) e Meninos de Altamira (2022, quinta temporada) do podcast, focando na análise da construção dos processos judiciais e na cobertura midiática.

“Amantes do Demônio”: Caso Altamira e Caso Evandro

Em 6 de abril de 1992, na cidade de Guaratuba, Paraná, Evandro Ramos Caetano, que na época tinha 6 anos de idade, desapareceu, no caminho entre sua casa e a escola. Cinco dias depois, os lenhadores Daniel Miranda e Lázaro Marchetti encontraram seu corpo em um matagal próximo à residência da família. Junto ao corpo estavam as vestes, chinelos e uma chave, itens do menino. O cadáver apresentava sinais de mutilação inusuais em crimes semelhantes, os quais foram associados, na época, pela polícia, a práticas ritualísticas. Segundo o jornalista Ivan Mizanzuk, que dedicou ao “Caso Evandro” uma ampla investigação, que veio a se transformar em um dos podcasts de *true crime* mais populares no Brasil nos anos 2020: “O corpo foi encontrado de costas para o chão. O couro cabeludo tinha sido completamente removido, assim como as orelhas. O cadáver também estava sem as mãos e sem os dedos dos pés. Havia um corte profundo no tórax, causado por algum instrumento” (Mizanzuk, 2021).

⁵ Mescla investigação jornalística, dramaturgia sonora e consumo cultural

Em julho de 1992, o então secretário de Segurança Pública do Estado do Paraná, Moacir Favetti, deu uma entrevista para o canal SBT, alegando que Evandro havia sido assassinado num ritual encomendado pela esposa e pela filha do prefeito de Guaratuba, Celina e Beatriz Abagge, com o envolvimento de mais cinco pessoas, que seriam: os pais de santo Osvaldo Marcineiro e Vicente de Paula, o artesão Davi de Santos Soares, o gerente da serraria Airton Bardelli dos Santos e o vizinho de Osvaldo, Francisco Sérgio Cristofolini. Segundo as acusações da época, o ritual teria ocorrido na serraria do prefeito de Guaratuba, Aldo Abagge, com o suposto objetivo de sacrifício em troca de prosperidade.

No relatório da polícia, nomeado como “Operação Magia Negra”, consta que as confissões de Osvaldo e Davi foram basilares para o avanço das investigações, e que foi desta maneira que a polícia chegou a Celina e Beatriz, que levariam a Bardelli e Cristofolini. Para o secretário Favetti o circuito estava fechado pelo número de suspeitos envolvidos no caso – sete pessoas – e isso foi apontado como evidência da natureza ritualística do crime, uma vez que o número “sete” estaria associado a simbolismos genéricos. A mídia e as investigações giraram em torno dessa narrativa diabólica de que duas mulheres haviam sacrificado uma criança em troca de poder.

Os sete acusados relataram ter sido torturados por policiais, alegando que as sessões de interrogatório foram gravadas, embora nunca tenham sido anexadas ao inquérito. Osvaldo e Davi afirmaram que foram capturados e levados para a residência do ex-ditador paraguaio Alfredo Stroessner por um grupo de policiais, onde sofreram diversas formas de violência física e psicológica. Além de terem sido submetidos a afogamentos e choques elétricos, relataram ter ouvido gritos e testemunhado agressões contra outras vítimas. No entanto, a tese de tortura não foi reconhecida pelos jurados, e suas confissões foram consideradas suficientes para condená-los. Anos mais tarde, uma fonte anônima disponibilizou para Mizanzuk a tal fita que comprovava que os acusados haviam sido submetidos a sessões de tortura. No episódio de número 25 do podcast O caso Evandro, Mizanzuk afirma que:

A partir do momento em que falaram das torturas, Osvaldo, Davi, De Paula, Beatriz e Celina repetiam que os policiais gravavam constantemente o que diziam com um pequeno gravador. Contudo, os únicos registros anexados ao processo eram as fitas VHS dos dias 2 e 3 de julho e a fita cassete com a confissão das Abagge, no início da qual aparece, de maneira inexplicável, Osvaldo. Para a promotoria, era falsa a afirmação dos réus de que havia gravações além daqueles vídeos e da fita cassete. Mas as fitas que recebi provam que os acusados falavam a verdade (Mizanzuk, 2020, 1h08m34s).

Após a divulgação das fitas, os advogados solicitaram que Beatriz, Davi e Marcineiro fossem absolvidos, e os processos, anulados: “De acordo com o pedido, as provas são ilícitas foram obtidas mediante tortura e influenciaram o restante do processo.” (Castro; Brodbeck, 2021). No entanto, mesmo com as evidências de irregularidades, o caso permaneceu marcado por controvérsias e decisões questionáveis.

O caso dos meninos de Altamira, no Pará, foi outro crime que repercutiu muito na mídia na mesma época. Alguns meninos, entre 8 e 15 anos, foram sequestrados e emasculados na cidade. E devido a investigação do menino Jaenes, o número de vítimas subiu para vinte e seis crianças. Segundo Ivan Mizanzuk (2024, posição 304), que também dedicou a esse caso um *podcast* seriado de enorme repercussão, as crianças se dividiam em quatro grupos principais: nove sofreram tentativas de sequestro; cinco desapareceram; oito foram assassinadas — algumas emasculadas, outras cujos corpos só foram encontrados em estado avançado de putrefação ou restando apenas as ossadas; e quatro sobreviveram às emasculações.

Entretanto, por descaso das autoridades ou por falta de iniciativa das famílias em denunciar, apenas doze casos foram registrados. Tratava-se de uma cidade isolada no interior do Pará, onde as dificuldades de comunicação e de acesso a instituições públicas tornavam quase impossível acionar autoridades capazes de conduzir uma investigação adequada. A cidade vivenciava o abandono, “era cada um por si, e, se o filho voltasse para casa vivo após uma tentativa de sequestro, só restava agradecer” (Mizanzuk, 2022, posição 315).

Começaremos a história na manhã do dia 1º de outubro de 1992, quando Jaenes da Silva Pessoa, treze anos, saiu para tocar o gado na propriedade de sua família, e desapareceu. O sumiço causou desespero, pois a cidade já estava alarmada com relatos de outros meninos desaparecidos, e que eram encontrados em áreas de mata, mutilados e sem genitália. Após três dias de busca, o corpo de Jaenes foi encontrado, com os pulsos cortados, sem os globos oculares e emasculado.

Nesse mesmo ano, foi anexado aos autos do processo o documento intitulado “Carta Aberta à Comunidade Altamirense”, elaborado pelo Movimento Contra a Violência e a Favor da Vida das Crianças Altamirenses. O texto convocava a população para uma passeata em busca de justiça pelos crimes, além de manifestar repúdio à postura do Estado diante do cenário, pois “desde a emasculação do Segundo Sobrevivente, em 1989, a cidade se

movimentava, e, aos poucos, formava-se uma articulação social em torno dos casos” (Mizanzuk, 2024, posição 274). Em 1992, outro menino, Judirley Chipai, foi banhar-se no Igarapé Cupiúba, acompanhado por seus familiares, durante o ano novo, e não foi mais encontrado com vida. Dois dias após o desaparecimento, seu corpo foi localizado com a garganta cortada, com ferimentos espalhados pelo corpo, emasculado e sinais de violência sexual. A morte da vítima chamou atenção, pois o menino era um indígena Chipaia.

Com a pressão popular, as investigações apresentaram dois suspeitos, que seriam membros de um grupo religioso chamado o Lineamento Universal Superior (LUS). A líder, Valentina de Andrade, dois médicos, dois empresários e dois policiais militares foram presos preventivamente. A acusação sustentava que os empresários que encomendavam, os médicos realizavam os crimes, enquanto Valentina de Andrade era condutora dos rituais. Após o encerramento do caso, uma nova onda de sequestros e de assassinatos surgiu no Maranhão. Segundo matéria publicada no site do Ministério Público do Estado, essa sequência de crimes resultou na prisão de Francisco Brito, que confessou todos os delitos cometidos nos dois estados.

Os casos Evandro e Altamira são representativos de histeria coletiva que influenciou a percepção pública, os desdobramentos das investigações e os processos judiciais. Em ambos os casos, narrativas associadas a rituais macabros e práticas ocultistas foram rapidamente incorporadas ao discurso midiático e jurídico, favorecendo a condenação de suspeitos com base em confissões obtidas sob tortura e/ou com provas frágeis. Para compreender como tal fenômeno cabe discutir o que foi o pânico satânico, manifestação singular de pânico moral presente na cultura midiática nos anos 1980 e 1990.

O pânico satânico

Em um primeiro olhar, os dois casos parecem configurar eventos isolados de perseguição religiosa em comunidades pequenas do interior do Brasil. Entretanto, os elementos envolvidos tornam evidente o discurso muito mais amplo que reúne acusações de feitiçaria e sensacionalismo. Esses surtos de pânico moral surgem na sociedade vez ou outra, manifestando-se contra indivíduos vistos como desviantes. Nessas situações, como alega Stanley Cohen, “uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas emerge para ser definida como uma ameaça aos valores e interesses da sociedade; sua natureza é apresentada de forma estereotipada pela mídia de massa; as

barricadas morais são guarnecidas por editores, bispos, políticos e outras pessoas” (1972, p. 09).

A partir dessa compreensão, Jeffrey Victor (1993), identifica como *Pânico Satânico* um conjunto de alegações sobre a presença do satanismo que surgem ciclicamente, em particular na sociedade estadunidense, mas que, como veremos, pode ser replicada em outras localidades. Segundo o autor, esses rumores descrevem a existência de comunidades dedicadas a cultos satânicos, às quais são atribuídas contemporaneamente atividades mundanas como a produção de pornografia, a prostituição forçada e o tráfico de drogas. Essas narrativas também se referem a abusos, tortura e assassinatos de crianças como parte dos cultos. No entanto, Victor evidencia, ao longo de sua pesquisa sobre o pânico satânico, que a propagação dessas narrativas não é espontânea; pelo contrário, é impulsionada por uma combinação de fatores, como a comercialização para a grande mídia, a necessidade de atribuir culpa a determinados grupos sociais e a legitimação de autoridades que endossam rumores como verdades incontestáveis (Victor, 1993).

Na segunda metade do século XX, movimentos contraculturais nos EUA emergiram de forma mais clara, despertando, em diferentes momentos, o fenômeno do pânico satânico. Desde a década de 1950, a geração *beat*, de escritores como Jack Kerouak (1922-1969) e Allen Ginsberg (1926-1997), contestava os valores do consumismo, da família tradicional e da rigidez moral, foi imediatamente perseguida por conservadores. Os chamados *beatniks* forneceram a base intelectual e cultural que abriu caminho para a contracultura nos anos 1960, o movimento *hippie*, articulado pela juventude universitária, que defendia novas formas de espiritualidade, experimentação com drogas e a recusa ao modo de vida americano de classe média. Os *hippies* serviram como combustível para novas frentes, como a revolução sexual, a consolidação de novos estilos musicais e de vestuário, além de mobilizações políticas pelos direitos civis e contra a Guerra do Vietnã, por exemplo. Essa efervescência foi sistematicamente atacada pela Nova Direita, que a partir do final dos anos 1970 – articulando (neo)conservadores cristãos e evangélicos – passou seus esforços contra minorias e todos que representavam estilos de vidas alternativas (Hughes, 2021).

É no auge desse cenário de tensionamento e transformação sociocultural que, em 1966, Anton Lavey (1930-1997), fundou a Igreja de Satã (*Church of Satan*), sendo responsável por formalizar as crenças e rituais do satanismo moderno, um sistema filosófico de individualismo, autoexpressão e libertação

dos valores cristãos. Sua imagem foi amplamente explorada, aparecendo na televisão e revistas, na qual cultivava uma personalidade extravagante. Lavey e seus seguidores iniciaram uma mudança no panorama religioso da América do Norte, num período marcado por um processo de descristianização, na qual “jovens americanos começam a ‘usar flores no cabelo’ e convergem para o bairro de Frisco, Haight Ashbury, durante o Verão do Amor, dando início a uma onda de atividade contracultural em todo o mundo ocidental” (Luijk, 2016, p. 298). Destacava-se também a celebração de religiões não cristãs de várias partes do mundo, como o hinduísmo e o budismo, e práticas esotéricas e ocultistas. Nesse contexto, o satanismo ganhava ares mais voltados à provocação, mas não se associava a práticas criminais ou a violência ritualística, como os atribuídos a ele posteriormente.

O meio acadêmico passou a buscar formas de conceituar os fenômenos associados ao tema durante 1970/80. Esse processo culminou no que mais tarde seria denominado *Satanic Panic* (Barbieri, 2024), um fenômeno social e midiático que gerou denúncias e pânico sobre supostos abusos infantis ligados à adoração ao Diabo.

Essa histeria se intensificou ainda mais nos EUA após a publicação do livro *Michelle Remembers*, escrito por Lawrence Pazder, em 1980, a partir das supostas memórias recuperadas de sua jovem paciente, Michelle Smith, com quem mais tarde viria a se casar. O livro narra os abusos que Smith teria sofrido, após ser supostamente levada por sua mãe a um culto satânico durante a infância, e cujos detalhes só teriam sido revelados durante uma terapia de regressão conduzida por ele. Com o lançamento do livro, Michelle e seu psiquiatra embarcaram em uma turnê publicitária para promover a obra, aparecendo em jornais e programas de televisão. Com o sucesso, milhares de pessoas surgiram na mídia, alegando terem sofrido experiências semelhantes. Sarah Hughes, no livro *American Monsters: Tabloid Media and the Satanic Panic* (2016) estabelece os tabloides americanos, programas televisivos especialmente os religiosos e sensacionalistas como os responsáveis por incitar e perpetuar a histeria satânica.

Embora pareçam, num primeiro momento, fenômenos típicos da sociedade estadunidense, com origem puritana e britânica, essas narrativas são oriundas de um processo histórico mais amplo de circulação cultural que se aplica também a outros países, como os da América Latina, por exemplo, cuja história de colonização não passa pelos colonos protestantes e britânicos, e sim pelos católicos ibéricos.

Como aponta Jesús Martín-Barbero (1997, p. 150), relatos de crimes, medo e mistério migraram da tradição oral para formatos escritos e, posteriormente, para meios massivos, preservando certas estruturas narrativas reconhecíveis da sociedade em que surgiram. O trabalho de Martín-Barbero revela que modos arcaicos de sentir, narrar e interpretar o mundo podem sobreviver, a seu modo, às transformações tecnológicas, encontrando novas formas de legitimação na modernidade, com o uso de estereótipos, repetição de fórmulas e mobilização de elementos religiosos. Ao discutir particularmente o melodrama latino-americano, Martín-Barbero demonstra que a cultura popular e os produtos midiáticos da América Latina compartilham um repertório baseado no exagero emocional, na moralização dos conflitos e na presença de figuras demonizadas — elementos presentes no teatro europeu do século XVIII e que se adaptaram, posteriormente, a formatos como a imprensa sensacionalista. Essa “retórica do excesso” (Barbero, 2009, p.166) e esbanjamento não pode ser justificada apenas pela pressão comercial e ideológica; é também fruto de modos tradicionais de narrar.

As dinâmicas descritas por Cohen e Barbero ganham clareza quando observadas à luz da noção de *estigma* analisada por Rosana Soares (2009). A autora destaca que os estigmas funcionam como marcas que isolam e, ao mesmo tempo, reúnem os possuidores de um mesmo atributo (Soares, 2009, p.3). Entre as grandes narrativas que estruturam esses processos de estigmatização, podemos identificar a religião cristã como núcleo simbólico persistente nas sociedades de todo o continente americano. Assim, quando casos envolvendo religiões minoritárias ou violência contra crianças reaparecem na forma de pânicos morais, como nos episódios brasileiros aqui examinados, eles se apoiam justamente numa estrutura em que a mídia os amplifica por meio de processos de seleção e combinação que naturalizam fronteiras entre “estabelecidos e outsiders” (Soares, 2009, p. 6). A força dessas narrativas deriva tanto da comoção gerada pelos eventos em si quanto da prontidão cultural para reconhecê-los como ameaças, reafirmando padrões de exclusão e suspeição que atravessam a história das representações religiosas e das ansiedades sociais em torno da infância, entendida como lugar de inocência, de desejada preservação de uma certa “ordem moral” e de proteção dos valores dominantes.

Metodologia: da seleção do corpus à análise dos resultados

O corpus da presente pesquisa foi composto por manchetes e reportagens publicadas nos jornais *Hora H*, *O Globo*, *A Província do Pará* e na revista *Veja*, selecionadas a partir das wikis do *Projeto Humanos*, de Ivan Mizanzuk, durante o mês de abril de 2025. O critério de seleção priorizou matérias que continham termos associados à narrativa do satanismo, como “ritual”, “demônio”, “sacrifício”, “bruxas”, “seita satânica” e “magia negra”. Foram excluídas da análise matérias que não apresentassem as palavras chamadas descritas anteriormente.

Ao todo, foram analisadas 97 reportagens. No caso Evandro, foram examinadas 64 matérias, distribuídas da seguinte forma: 38 do *Hora H*, 6 do *Diário Popular*, 8 da *Folha de Londrina*, 1 do *Correio da Bahia*, 2 da *Folha de S. Paulo*, 2 da *Gazeta do Povo*, 2 da *Tribuna do Paraná*, 1 da *Folha de Guaratuba*, 1 do *Jornal do Brasil*, 1 da *Tribuna da Bahia*, 1 da *Revista Veja* e 1 do *Jornal Nosso Tempo*. No caso Altamira, foram analisadas 33 matérias, sendo 18 do *O Liberal*, 6 do *Diário do Pará*, 2 de *O Globo*, 6 de *A Província do Pará* e 1 do *Estado*.

A escolha dos veículos seguiu critérios específicos: o jornal *Hora H* foi selecionado devido ao trabalho extensivo da jornalista Vânia Mara Welte, responsável por uma série de reportagens sobre “As Bruxas de Guaratuba”. O jornal *A Província do Pará* foi incluído por seu caráter local e pela recorrência de termos associados à narrativa satanista. Já *Veja* e *O Globo* foram escolhidos em razão de seu amplo alcance e influência no cenário midiático nacional.

Para compreender de que forma as matérias selecionadas construíram um imaginário de pânico satânico, utilizamos a análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), que permite a sistematização de mensagens e a identificação de significados explícitos e implícitos. A análise se baseia em três etapas, sendo (1) pré-análise, (2) exploração do material, e (3) tratamento e interpretação dos resultados (Bardin, 2011).

A pré-análise tem como finalidade organizar o processo analítico, ainda que envolva atividades inicialmente não estruturadas. Nesse momento, realizam-se a leitura flutuante do material, a confrontação com outros documentos e a avaliação do grau de representatividade das fontes e objetos examinados em relação aos objetivos da pesquisa. Em seguida, realiza-se a exploração do material, momento no qual as ocorrências são analisadas a partir da observação dos contextos de uso dos termos e das conotações discursivas

que acionavam, tais como criminalização, estigmatização religiosa, moralização e espetacularização. Por fim, procede-se aos resultados, fase em que os achados são submetidos a uma interpretação crítica – no caso, relacionando-os às teorias do pânico moral (Cohen, 1972) e do pânico satânico (Victor, 1993).

Entretanto, apesar da amplitude do corpus reunido, é importante reconhecer suas limitações. A análise concentrou-se exclusivamente em materiais impressos, deixando de lado outras mídias relevantes para a compreensão da circulação do pânico satânico, como coberturas televisivas e radiofônicas. Do mesmo modo, não foram incorporadas postagens em redes sociais, fóruns online ou conteúdos digitais que, especialmente a partir dos anos 2000, passaram a realizar um papel significativo na propagação de narrativas conspiratórias e moralmente alarmistas. Pesquisas futuras podem ampliar o escopo desta pesquisa por meio da inclusão de arquivos audiovisuais, bancos de dados de rádios e plataformas digitais, permitindo uma visão mais abrangente da construção e disseminação midiática do pânico satânico no Brasil.

A seguir, destacamos as quatro manchetes analisadas neste trabalho:

Imagem 1: Capa da Revista Hora H



Fonte: Jornal Hora H, junho de 1996

Imagem 2: Matéria Magia Negra pode ter matado meninos em sacrifício no Pará

O deputado Abdir Viana, do PSDR, informa que as circunstâncias em que os assassinos foram cometidos levam a crer que os crimes são praticados por uma de duas pessoas. O primeiro é morto também deve avariar do que o e de caladões já assassinados. Aida disse que os órgãos genitais e os olhos são arrancados das corpos das meninas com bisturi, com uma técnica muito apurada, e que a leva a acreditar que é trabalho profissional, associado por um médico ou veterinário.

e que aumenta o terror da população. Outro suspeito, Amílcar Madeira Gomes, está preso e isolado. Mas, depois da prisão

Fonte: O Globo, 10 Jun 1993, p8

[illegible]

Fonte: A Província Do Pará, 02 Dez 1992 – p16

Imagem 4: Matéria de Suspeita diabólica(Destacamos as palavras: *bruxa, magia negra, monstro, demônio e diabólica*)

Fonte: Veja, 29 de julho 1992

A manchete “As Bruxas de Guaratuba” mobiliza um imaginário associado à perseguição de mulheres. Ao chamar as acusadas de “bruxas”, a mídia resgata arquétipos que evocam feitiçaria e ameaça moral, situando-as em uma posição de desumanização e estigmatização de gênero. Esse recurso discursivo reforça preconceitos históricos contra mulheres consideradas desviantes, e da verossimilhança a práticas satânicas, alimentando mais o pânico moral. Assim, o sensacionalismo da manchete contribui para misoginia e legitimar acusações desprovidas de comprovação.

Já a expressão “Magia negra pode ter matado os meninos do Pará” opera em outro registro, reforça o racismo religioso. Ao usar “magia negra”, recorrendo a uma linguagem carregada de preconceito, que vincula práticas religiosas africanas a algo maléfico e violento. Nesse processo, tradições são reduzidas a rituais demonizados, confundindo satanismo com religiosidades afro-brasileiras e reforçando estigmatizações históricas. Esse tipo de formulação mostra como a imprensa, ao explorar medos sociais, acabou instrumentalizando o racismo religioso para compor narrativas de horror que mais impactam do que elucidam os crimes.

Já em “Monstro de Altamira é amante do demônio”, observa-se a estratégia de animalizar o acusado. O uso de “monstro” não apenas retira sua humanidade, mas o transforma em um ser mitológico do mal, enquanto a ideia de ser “amante do demônio” associa a perversão sexual. Essa retórica

transforma a narrativa em terror, e reforça preconceitos contra quaisquer dissidências religiosas ou sexuais. Aqui, a cobertura deixa de informar e prefere construir um personagem demoníaco, parte do pânico satânico

Por fim, a manchete “Suspeitas diabólicas” mostra como a sugestão pode operar na lógica do pânico moral. Ao lançar a hipótese de que há “diabólicos” envolvidos, a mídia induz à culpabilidade antecipada, sem apresentar evidências concretas. Essa formulação vaga mobiliza o medo difuso do diabo, permitindo que a imaginação popular preencha as lacunas com imagens de horror. De forma geral, as manchetes analisadas revelam que a imprensa intensificou o pânico satânico no Brasil dos anos 1990, ao explorar o sensacionalismo, reforçar preconceitos e confundir práticas religiosas com supostos cultos criminosos. Muitos fenômenos sociais são reduzidos a narrativas simplificadas pela mídia, que frequentemente recorre a divisão entre “bem” e “mal”. Nos casos Evandro e Altamira, essa lógica se manifesta na construção de inimigos simbólicos, onde figuras como a “seita satânica”, os “demônios” “o monstro” e as “bruxas” são retratadas como os grandes vilões, reforçando estereótipos, alimentando o pânico moral e o pré julgamento.

Nota-se que os dois crimes renderam uma serialidade de notícias, que alimentaram uma lógica de lucratividade baseada em entretenimento extremo. Nesse sentido, como explica Helena Cardoso “se o jornalista deve entreter seu público, ‘informar’ como se tivesse contando uma história, então precisa se utilizar de uma linguagem dramática de personagens de fácil apreensão” (2011, p. 42). Essa dinâmica encontra eco em Muniz Sodré, para quem “A mídia é a principal gestora das enunciações em que o ato agressivo aparece como gênero catastrófico, gerador não de simples medo – que todo vínculo social costuma acomodar -, mas de medo excessivo, ou pânico” (Sodré, 2002, p. 96).

Nos casos Evandro e Altamira, pode-se ter uma percepção de que as notícias que circulavam eram construídas para chamar a atenção do público com criminosos baseados em clichês e rasos. Esse efeito pode ser observado na construção visual e textual das reportagens. Muitas matérias utilizavam títulos extensos e impactantes, acompanhado de imagens e cores chamativas, o que reforçam o tom dramático da cobertura. Essa estratégia se alinha ao que Pierre Bourdieu (1997, p.27) diz ao afirmar que “os jornais cotidianos devem oferecer cotidianamente o extra-cotidiano”, ou seja, a necessidade é de transformar eventos em espetáculos para manter a audiência engajada.

Observa-se que o medo é uma ferramenta dessas notícias, sendo amplificado pelo uso estratégico da linguagem, do tom oficial e das técnicas narrativas. Esse processo influencia a percepção pública sobre determinados acontecimentos. Títulos das manchetes exemplificam como estas são baseadas no senso comum e em narrativas populares vindas do imaginário coletivo. Como destaca Cardoso:

Utilizam-se de sentimentos e estereótipos, como se fossem contadores de histórias. Nesse esforço narrativo, muitas vezes acabam por reforçar estigmas existentes na sociedade, com reflexos na imagem social do crime e do criminoso. Além disso, o próprio uso de termos técnicos — desconhecidos por boa parte do público — representa uma barreira cognitiva que muitas vezes pode ser manipuladora (Cardoso, 2011, p. 46).

Dessa forma, a cobertura jornalística não apenas informa, mas também constrói discursos sensacionalistas que legitimam a estigmatização e perpetuam ciclos de pânico moral. Dentro dos gêneros jornalísticos, é comum que o sensacionalismo esteja atrelado a editoria policial. Para Amaral (2005, p.2), o sensacionalismo é “historicamente recorrente e manifesta-se em vários graus e de diversas maneiras” e vai além do apelo emocional:

Deve-se salientar que o envolvimento emocional, o aparecimento do clichê, não é por si só sensacionalista. Um telejornal (ou radiojornal) não sensacionalista pode mostrar imagens dramáticas (ou relatos) que emocionem as pessoas. Por exemplo, quando a polícia resgata uma criança sequestrada e ela corre para ser abraçada por seus pais, depois do abraço emocionado, a família chora e diz algumas palavras para os repórteres. É uma imagem forte, de impacto emocional garantido. Clichê de felicidade familiar. Mas para essa história ser utilizada de forma sensacionalista é preciso que seja editada e relatada, reforçando constantemente os clichês, que apareceriam o tempo todo envolvendo a edição e não apenas em fragmentos. O telejornal sensacionalista não pode ter equilíbrio entre o signo e o clichê. A apresentação deve ser chocante, exigindo o envolvimento emocional do público (Sobrinho, 1995, p. 41)

O chamado “populismo penal midiático” é caracterizado pelo uso estratégico do crime e da punição como instrumentos de capital político, midiático e institucional. Se baseando na exploração do medo da criminalidade para justificar medidas repressivas e punitivistas, frequentemente em perda das garantias processuais e dos direitos fundamentais (Caetano, 2016, p.34). Diante do exposto, a espetacularização da violência pela mídia não apenas reforça a percepção de insegurança, mas incita respostas penais imediatas que impulsionada pelo hiper-punitivismo e pela pressão popular, e pode aumentar erros judiciais, como mostrado nos casos de Altamira e Evandro.

Carregados por concepções punitivistas, vivemos uma época de judicialização das políticas sociais assentada na falsa crença de que o Direito Penal é o instrumento adequado à resolução dos problemas

sociais historicamente erigidos no país que original a criminalidade. Este movimento é nutrido, ainda, pela cobertura, especialmente audiovisual, dos julgamentos, que apenas inflama o ânimo dos contendores e o ego do julgador. Com sua imagem expostas às críticas da mídia e populares, o Magistrado passa a se preocupar com a aceitação do seu discurso pelos espectadores e, assim, alinhá-lo com os anseios – punitivistas – dominantes. Dessa forma, assomam manifestações anti garantistas, moralistas, duras e messiânicas que a população adora ouvir, mas que nem sempre (ou melhor, raramente) correspondem à resolução mais justa da causa (Ramos, 2014, p. 77).

Desse modo, é perceptível que, nos dois casos, a mídia ultrapassou sua função informativa ao estruturar narrativas respaldadas no medo. Esse processo evidencia um Brasil marcado pela intolerância religiosa e por um sistema de justiça ainda permeado por resquícios da ditadura militar. A combinação desses fatores não apenas contribuiu para o linchamento de inocentes, mas atrasa a identificação e a responsabilização dos verdadeiros culpados, comprometendo a legitimidade do processo legal.

Conclusões

O processo social de disseminação de acusações e rumores, conforme descrito por Jeffrey S. Victor (1993), apesar de incerto, possui três fatores fundamentais para sua propagação. O primeiro é a necessidade de que a narrativa seja “comercializável”, adaptável para atrair e engajar. Esse processo envolve a dramatização e a reformulação do apelo midiático. Ao olharmos a cobertura dos casos Evandro e Os Meninos Emascarados, percebemos que a abordagem sensacionalista não visava retratar a realidade, mas sim responder à lógica do capitalismo.

O segundo fator é a identificação de um grupo social que possa ser convertido em “demônios populares”, tornando-se o alvo do linchamento moral e da perseguição. No caso Evandro, a associação de Celina e Beatriz Abagge a religiões de matriz africana foi suficiente para dar início a uma perseguição. De maneira semelhante, no caso dos Meninos de Altamira, os membros do LUS foram perseguidos devido a suas práticas espirituais não convencionais. Por fim, o terceiro fator diz respeito à necessidade de validação dada por figuras de autoridade, conferindo legitimidade às acusações. Em ambos os casos, membros do Ministério Público e do Judiciário desempenharam um papel na sustentação das denúncias, muitas vezes baseadas em alegações influenciadas pela mídia.

Portanto, ainda que inspirado no caso estadunidense, o *pânico satânico* Brasil assumiu contornos particulares e ao investigar as características dessa histeria e a construção das notícias, identificamos quatro fatores determinantes

para sua midiatização, que dialogam com o que foi descrito por Jeffrey S. Victor (1993). O primeiro fator foi a cobertura sensacionalista da imprensa, que utilizou termos como “ritual”, “demônio”, “sacrifício”, “bruxas”, “seita satânica” e “magia negra”. Esse discurso foi reforçado pelo segundo fator: a legitimação dessas narrativas por autoridades públicas. O terceiro elemento foi o contexto sociopolítico, marcado pelo pós-ditadura militar, que favorecia a disseminação do medo e da desconfiança. Por fim, o quarto fator remonta à herança colonial do Tribunal do Santo Ofício, responsável por sistematizar jurisprudências sobre crimes relacionados à feitiçaria, blasfêmia, usura e heresias (História Luso-Brasileira, 2021), além das legislações repressivas, como o Decreto Nº 847, de 11 de outubro de 1890. O artigo 157 criminaliza a prática do espiritismo, rituais de magia e curandeirismo, criando um ambiente propício que vinculavam religiões afro-brasileiras ao mal e à criminalidade, e só veio a ser revogado em 91. Esses elementos articulados demonstram que o pânico satânico brasileiro não foi apenas uma reprodução de modelos estrangeiros, mas uma reatualização de estruturas morais e sociais profundamente enraizadas na história do país.

A breve análise da cobertura midiática dos casos de Evandro R. Caetano e dos Meninos de Altamira evidencia que o pânico satânico foi construído e disseminado no Brasil durante a década de 1990. As manchetes analisadas exploraram os temores da sociedade para fins mercadológicos, fomentando a histeria coletiva. Esse processo contribuiu para a consolidação de estigmas sobre determinados grupos, influenciando as investigações e resultando em condenações controversas e violações de direitos.

Para além disso, observa-se que a mídia se apropriou do satanismo, alimentando o imaginário popular com conspirações sensacionalistas, o que intensificou a crença de cultos satânicos criminosos. Somado a isso, o discurso midiático misturou o satanismo com preconceitos religiosos dirigidos às religiões afro-brasileiras, reforçando estigmatizações e marginalizações presentes no social brasileiro. Dessa forma, a análise confirma que a mídia teve centralidade na construção e disseminação do pânico satânico no Brasil.

A permanência dos casos no imaginário social, agora revitalizados pelos podcasts de *true crime*, indica que o pânico satânico não é datado, mas um repertório simbólico constantemente reapropriado. Ao mesmo tempo em que permitem revisões críticas e acesso a informações negligenciadas pelas coberturas originais, essas narrativas sonoras operam dentro da lógica de mercado que transforma tragédias em produtos de consumo.

Bibliografia

- AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, um conceito errante. **Intexto**, Porto Alegre, n. 13, p. 103–116, 2025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4212>. Acesso em: 07 outubro de 2025
- BARBERO, Jesús-Martin. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- BARBIERE, Rafaela Arienti. Deus está morto. Satã Vive: Uma análise do satanismo em O Bebê de Rosemary (1968). **Revista Semina**, v. 17, n. 2, 2018. ISSN 1677-1001. Acesso em: 07 outubro de 2025
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70, 2011.
- BÍBLIA sagrada. Apocalipse. Thomas Nelson Brasil, 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CAETANO, Filipe Ribeiro. **Espetacularização do processo penal e as consequências do populismo penal midiático**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, da Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007. *Revista de Estudos da Religião*, 2008.
- CARDOSO, Helena Schiessl. **Discurso criminológico da mídia na sociedade capitalista: necessidade de desconstrução e reconstrução da imagem do criminoso e da criminalidade no espaço público**. 2011. 174 f., Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal Do Paraná. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25722> > Acesso em: 07 outubro de 2025.
- CASTRO, Fernando; BRODBECK, Pedro. Caso Evandro: Defesa de condenados por morte da criança pede à Justiça revisão criminal das sentenças. **G1, Curitiba**. (07 dez. 2021). Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/12/07/caso-evandro-defesa-de-condenados-por-morte-da-crianca-pede-a-justica-revisao-criminal-das-sentencas.ghtml> > Acesso em: 07 outubro de 2025.
- COHEN, Stanley. **Folk Devils and Moral Panics: The Creation of the Mods and Rockers**. Oxford: Martin Robertson, 1972.
- COLUCCI, Pedro Henrique do Prado Haram. Pânico Satânico Brasileiro: Uma análise sobre o discurso criminológico da mídia e a construção de demônios populares. In: KASSADA, Daiane; MENESES, Willians (org.). **Cadernos do Laboratório de Iniciação Científica do Instituto Brasileiro de Ciências Criminal**. Curitiba: Editorial Casa, 2022. pp. 393-414.
- JÚLIO, Eduardo. Francisco da Chagas é condenado a mais 28 anos de prisão. Ministério Público do Estado do Maranhão, 2022. Disponível em: <<https://www.mpma.mp.br/noticia-francisco-da-chagas-r-condenado-a-mais-28-anos-de-priso/>>. Acesso em: 07 outubro de 2025.
- História Luso-Brasileira. Tribunal do Santo Ofício da Inquisição. Disponível em: https://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5659:tribunal-do-santo-oficio-da-inquisicao&catid=2088&Itemid=121 . > Acesso em: 07 outubro de 2025.
- HUGHES, Sarah A. **American Tabloid Media and the Satanic Panic, 1970–2000** -- Sarah A_ Hughes -- Springer Nature, Cham, -- Springer International Publishing. Kindle, 2021.
- MIZANZUK, Ivan. **O Caso Evandro**. São Paulo: Harper Collins, 2021.
- MIZANZUK, Ivan. **O Caso Altamira**. São Paulo: Harper Collins, 2024.
- LUIJK, Ruben Van. **Children of lucifer: the origins of modern religious satanism**. NY: Oxford University Press, 2016.
- PAIVA, Luiz Fábio Silva. **Significados de morte: o discurso da imprensa sobre crimes que ‘abalaram’ o Brasil**. Tese de Doutorado em Sociologia. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2012.
- PLANALTO. Decreto Nº 847, de 11 de outubro de 1890.

PROJETO HUMANOS: **O caso Evandro**. [Locução de]: Ivan Mizanzuk. 2019. Podcast.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Riode Janeiro: UFRJ, 2009

MIZANZUK, Ivan. **O caso Evandro**. 2018. Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/temporada/altamira/> Acesso em: 07 março de 2025.

MIZANZUK, Ivan. **O caso Evandro**. 2018. Disponível em < <https://www.projetohumanos.com.br/temporada/o-caso-evandro/> > Acesso em: 07 março de 2025

RAMOS, Marcello Luís Marcondes. (2014) **Punitivismo midiático e o sistema penal**. Monografia de Especialização (Especialização em Direito Penal e Direito Processual Penal) - PUC-SP, São Paulo.

ROSZAK, Theodore. **The Making of a Counter Culture**. Berkeley: University of California Press, 1969.

SATAN wants you (2023). Steve J. Adams e Sean Horlor. Canadá: Game Theory Films (89 minutos)

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 29, pp. 27-53. (2007)

SOARES, Rosana de Lima. De palavras e imagens: estigmas sociais em discursos audiovisuais. **E-compós**, Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009.

SOBRINHO, Danilo Angrimani. **Espreme que sai sangue, um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

VICTOR, Jeffrey S. **Satanic Panic: The Creation of a Contemporary Legend**. Chicago: Open Court Publishing Company, 1993.

Recebido em: 23/09/2025

Aceito em: 25/01/2026